

# humanitas

Vol. LI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. LI • MCMXCIX



JOÃO BORTOLANZA <sup>1</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

## O POETA NOVILATINO CARIOCA ANTÔNIO DE CASTRO LOPES (1827-1901)

De Ovidio e de Varrão tentei ousado  
A lingua suscitar; na Astronomia  
De cometas tractei; do astro do dia;  
Dramas, comedias fiz por desenfado:

Da finança no reino emmaranhado  
Penetrei; escrevi de Homeopathia;  
Livro tambem de Philologia;  
Anexins, e de versos un punhado:

Litteraria farragen de mil côres,  
Compondo sen cessar, en corrupio  
Luctas tive com grandes sabedores:

Não cancei; mas por mero defastio,  
Variando indefesso os meos labores,  
PEROLAS FALSAS nun collar enfiô.”

(Lopes, *Pérolas Falsas*, p. 7)

---

RESUMO: Dentro da linha de pesquisa do ARCHIVUM GENERALE POETARUM LATINORUM BRASILIENSIVM, destaca-se a figura do poeta novilatino Antônio de Castro Lopes (Rio de Janeiro, 1827-1901), autor de 915 versos latinos de boa qualidade. Apresenta-se aqui a versão latina do episódio *Ignez de Castro* de *Os Lusíadas*, destacando a métrica latina e as *figurae elocutionis* utilizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia novilatina – Brasileira – Archivum

---

Este poema desvenda a polêmica figura do Dr. Castro Lopes, médico polígrafo que viveu no Rio de Janeiro de 1827 a 1901. Exímio latinista, autor de uma gramática latina e de um dicionário latino (atesta seu filho que o teria destruído), além de 915 versos latinos, procurou, como diz, suscitar a língua de Varrão e de Ovidio e, na busca insana de filólogo, polemizou intensamente contra os galiciparlas e por uma etimologia “genuína” do

---

<sup>1</sup> Professor de Língua Latina e Linguística Românica no Centro Universitário de Corumbá, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Pós-Doutorando da Universidade de Coimbra 1998/1999.

Português, a tal ponto que até hoje repercutem os exageros por ele cometidos, como se pode verificar neste artigo de Otto Lara Resende:

Se fosse no tempo do Prof. Castro Lopes e se dependesse de sua vontade, “lobismo” e “lobista” jamais teriam licença de entrar na nossa língua. E muito menos no dicionário. Castro Lopes combatia sem trégua os partidários dos barbarismos. Em particular os galiciparlas recorriam ao francês, a língua da moda. Caricaturado na peça “O Carioca”, em 1886, o professor morreu em 1901.

História antiga, do tempo em que Adão jogava pião. Mas Castro Lopes testemunhou a chegada do automóvel ao Brasil. Com a novidade, veio a palavra “Chauffeur”. O professor trepou nas tamancas e parou o trânsito, o que na época era fácil. Abaixo o galicismo! Patriota que nem um Policarpo Quaresma “avant la lettre”, atirou-se à luta.

Hoje, “chauffeur” virou “chofer”. Todo mundo já esqueceu que vem de “chauffer”, esquentar. E também se diz motorista, brasileirismo que se deve a Medeiros e Albuquerque. Mas o prof. Castro Lopes deu tratos à bola e criou a palavra “cinesíforo”, a partir do grego. Não pegou, mas ficou no ar, envolto na aura de pilhéria que até hoje cerca o nome do seu criador. Melhor sorte teve com outros neologismos também saídos da caturrice de seu bestunto. “Menu”, por exemplo, virou cardápio.

Em Portugal e em parte aqui também, se diz lista. Mas cardápio fez carreira. Já “convescote”, para substituir “pic-nic”, depois aportuguesado em piquenique, é um preciosismo que traz uma nota galhofeira. Cyro dos Anjos o emprega no “Abdias” com intenção humorística. Mas o fato é que o prof. Castro Lopes entrou no dicionário e no dia-a-dia da conversa. É o obscuro herói do vitorioso cardápio. Hoje, se se metesse a combater os angliciparlas, acabaria louco. (...)

(“Palavras Inventadas”, *Folha de São Paulo*, p. 02, caderno 1, col. 3 e 4, de 05/04/1992)

É essa “aura de pilhéria”, que cerca suas etimologias, por vezes cerebrinas, e esse “preciosismo” de açodado defensor da pureza da língua portuguesa, que constituem o legado veiculado de sua extensa produção científica e literária. Os livros que despertaram maior polêmica, além das polêmicas diárias através da imprensa, foram sobretudo: *Origens de anexins, proloquios, locuções populares, siglas, etc.* (edições de 1886 e 1893); *Neologismos indispensáveis e Barbarismos dispensáveis* (edições de 1889 e 1909); e mesmo a coletânea póstuma *Artigos Philologicos*, publicada por seu filho Domingos de Castro Lopes em 1910.

Autor de extensa bibliografia, foi teatrólogo, filólogo, poeta de expressão portuguesa e latina, latinista, professor, médico, introdutor da homeopatia e do espiritismo no Brasil, com excursos e experimentos em Astronomia e Matemática. Fundou o primeiro banco hipotecário, o “Banco Predial”, que geriu de 1872 a 78, a Companhia Serviço Doméstico, a Caixa Mutuante, a primeira Sociedade Cooperativa de Consumo (aprovadas oficialmente em 1876). Admirado e hostilizado, passeou com sua figura de exímio conhecedor de tudo, sempre com resposta pronta, ainda que nem sempre bem funda-

mentada, para qualquer questão que lhe fosse formulada. Assim se expressa V. de Algerama, logo após a morte de Castro Lopes, ocorrida a 11 de maio de 1901, no Rio de Janeiro:

... um verdadeiro Larousse ambulante, que andava e fallava, como nós andamos e como nós fallamos, que se acotovellava comnosco, e para o qual não havia pergunta sem resposta, nem segredos que não conhecesse, nas diversas divisões dos conhecimentos humanos. Quem o tivesse perto de si, era só perguntar, propôr a dúvida, e a resposta, a solução, viria logo prompta, rapida, sem titubear, immediatamente. (...) Posso affirmar que era elle um homem que sabia tudo, e tudo muito bem.

(*Jornal do Brasil*, ed. da tarde, de 15 de Maio de 1901. In: *Artigos Philologicos*, p. 22).

Sem entrar no mérito destes aspectos de sua obra, cumpre levantar a questão sobre sua figura de exímio latinista e sobre seus poemas latinos, 915 versos ao todo, em grande parte fadados ao esquecimento, catalogados entre as obras raras das bibliotecas, com exceção do poema deutoglota latino-português “Ave Aurora” e, em parte, do seu centão poético “Descrição de uma estrada de ferro”.

De tradição recente no Brasil, os estudos e pesquisas sobre a poesia brasileira de expressão latina só tiveram um alentador avanço a partir dos anos 70, com a criação do *Archivum Generale Poetarum Latinorum Brasiliensium*, da UNESP/Assis, tendo o intuito de resgatar a tradição latina, “para que não se ignore este tipo de literatura, como que a querer ignorar-lhe a importância que ela tem para o juízo da História da Cultura Brasileira”, nas palavras de seu fundador e prefeito Prof. Dr. Enio Aloisio Fonda. Por isso, muito pouco se encontra, em nossos historiadores e críticos literários, sobre Literatura Brasileira de Expressão Latina. Pior ainda, muitas vezes, isso se dá através de referências infundadas, rotulando autores e obras de “sensaborias” a não merecerem ocupar os espaços de nossas bibliotecas<sup>2</sup>. Sirva Sílvio Romero como exemplo, que da principal obra latina de Castro Lopes, *Musa Latina*, faz apenas uma pequena nota numa veemente crítica ao prefácio escrito pelo Barão de Paranapiacaba<sup>3</sup>:

Obrigado a tratar somente dos espíritos autônômicos e instigadores do pensamento nacional, nada tenho a falar sobre alguns enfastiados que, se diz, escreveram aqui no primeiro século alguns versos latinos, ou cousas de laia semelhante, que se perderam. São quasi todos tipos mortos, estéreis, inúteis. Sufocados pelo culteranismo jesuítico, desprendidos da consciência nacional, para cuja determinação nada contribuíram, passaram a vida a ver-sejar sensaborias e não têm o direito de figurar na história.

---

<sup>2</sup> ROMERO, II, p. 397, a respeito da produção latina de Anchieta e de José Rodrigues de Melo (Apud BORTOLANZA, I, p.17-19) .

<sup>3</sup> ROMERO, III, p. 220).

Castro Lopes foi, sem dúvida, um grande poeta latino, pela quantidade e pela qualidade de sua produção. Em minha tese de doutorado, *Corpus da Poesia Latina de Antônio de Castro Lopes* (1994), levantei o *corpus* e estabeleci o texto de seus 14 poemas, tomando o cuidado de estudar a métrica latina por ele empregada com os olhos voltados para os grandes mestres Virgílio e Ovídio. Neste trabalho, pretendo apresentar sua poesia novilatina, destacando a sua versão para o latim do episódio “Ignez de Castro”, de *Os Lusíadas*, a meu ver um momento de rara beleza humanística. Quanto aos outros poemas latinos, estabelecidos no meu trabalho citado, faço aqui apenas umas referências:

1. “Ode Sapphica” ad Imperialis Principis, Altissimi, ac Potentissimi Petri II Brasiliae constitutionalis imperatoris, et perpetui defensoris Filii, natale. Trata-se de uma ode de 8 estrofes sáficas, acompanhadas de tradução, em edição única: Minerva Brasiliense, *Jornal de Ciencias, Letras e Artes*, publicado por huma Associação de Litteratos. *Typographia Austral*, 2º Anno, Volume 3º, 15 de novembro de 1844, 1: 153-6.
2. “Utilidade da Dôr”, 4 hexâmetros datílicos em epígrafe de sua Dissertação acerca da *Utilidade da Dôr*. Rio de Janeiro, Typ. do Diario, de N.L. Vianna, 1848.
3. “Descrição de uma Estrada de Ferro”, com versos de Virgilio, Ovidio, Lucrecio, Horacio, e outros Poetas Latinos<sup>4</sup>. Provavelmente inspirado pela inauguração da primeira via férrea no Brasil, a 30 de abril de 1854, este centão poético de 38 hexâmetros datílicos teve grande fortuna crítica.
- 4 “Ave, Aurora !” Este poema deutoglota é o que teve maior fortuna, tendo sido ubicadas 10 impressões<sup>5</sup>. Compõe-se de 8 quadras, com 32 versos “compostos expressamente para mostrar a intima consanguinidade da lingua portuguesa com a latina” (*Musa Latina*, 1887, nota da p.126), que podem ser lidos em português e em latim.
5. “Amaryllidos Dircaeï aliquot selecta lyrica”. Único livro de poemas latinos de Castro Lopes, *Musa Latina*, teve duas edições, 1868 e 1887: a) *Musa Latina*. Amaryllidos Dircaeï Aliquot Selecta Lyrica in latinum sermonem translata ad usum scholarum Brasiliensium accomodata. Potamopoli, Ex Typis Quirini & Fratris,

<sup>4</sup> “Mereceu muito applauso esta versão da parte do celebre hellenista e eximio latinista o Conselheiro Antonio José Viale (de Portugal), que por charta publicada nos jornaes desta Côte, felicitou o auctor.” (*Artigos Philologicos*, p. 42)

<sup>5</sup> Consta parcialmente em *Guia prático de Tradução Latina* de Spalding.

1868, 69 p. Além de 25 liras de *Marília de Dirceu* de Tomás Antônio Gonzaga, com 577 versos latinos, entre hexâmetros datílicos puros e dísticos elegíacos, contém, em apêndice, a versão latina do episódio “Ignez de Castro”, a “Elegia ad mortem Augustini Josephi Gáspari mei latinitatis praeceptoris”, “Ave, Aurora!” e o centão “Descrição de uma Estrada de Ferro”. b) *Musa Latina*. Amaryllidos Dircaeae aliquot selecta lyrica In Latinum Sermonem Translata. Editio Secunda. Rio de Janeiro, Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1887. Nesta edição acrescenta o original das liras; “Desiderium”, tradução do poema “Saudade” de Almeida Garrett; e, ainda, como fecho, “Macarronea”. Na introdução, além da Carta-Prólogo do Barão de Paranapiacaba, “Algumas noções sobre o verso latino e sua medição”, traz a “Carta Proemial” de José Feliciano de Castilho, que afirma “... em effeito não raros são os versos mais valiosos na sua versão que no original. “ (p. XXVII).

- 6 “Elegia ad mortem Augustini Josephi Gáspari mei latinitatis praeceptoris”. Constitui-se de 13 dísticos elegíacos
- 7 “Desiderium”: 16 hexâmetros datílicos, versão latina do poema “Saudade” constante na Invocação do poema *Camões* de Almeida Garrett.
- 8 Dístico elegíaco ao 13 de Maio, inscrição para o “reverso da medalha comemorativa” da Abolição da Escravatura.
9. “Sic vos non vobis”, 8 pentâmetros em que imita Virgílio.
10. “Estatua Equestre”: dois dísticos elegíacos para a estátua equestre erigida em homenagem ao fundador do Império.
11. “Imperator – Desiderium”, outra versão latina, neste caso do poema “Imperador – Saudade” de autoria do Barão de Paranapiacaba, com 22 hexâmetros datílicos.
12. “Os Lusíadas” – Tradução das estâncias 1 a 5 do Canto I e das estâncias 33 a 44 do Canto II, publicada pelo Visconde de Juro-menha sob o título “Os Lusíadas”.
13. “Macarronea – Passeio de Horacio, Virgilio e Ovidio pela cidade do Rio de Janeiro”, com 100 versos hexâmetros datílicos, que, por seu caráter híbrido com o Português, constitui um bom subsídio para os lusófonos estudantes do Latim, até como introdução à Métrica Latina.

Destaque-se também o Professor de Latim, autor de uma gramática latina, *Novo systema para estudar a lingua latina*, com três edições (1856, 1859 e 1879), em que aplica o método de Robertson, considerado como muito eficiente no ensino de língua inglesa, para a didática latina. Premiado

pela Corte, foi adotado como livro de consulta no Imperial Colégio D. Pedro II, e, por recomendação de Antônio Feliciano de Castilho, adotado como livro didático também em Portugal. A 3ª edição, Rio de Janeiro, Typ. Perseverança, 1879, 312 p., além de XXVII p. de Introdução, consigna esta recomendação do Visconde de Castilho ao Conselho de Instrução Pública de Lisboa, onde diz:

Era tempo de se applicar já ao ensino do latim a engenhosa, e mais natural teoria de Robertson, seguida com vantagens incontestaveis no ensino das línguas vivas, por que a distincção de vivas e mortas era para aqui inteiramente descabida. É isso o que faz com o presente volume o Dr. Castro Lopes. O exito, segundo parece, tem correspondido ás suas diligencias. Na America ainda se perdôa ás creações uteis.

E acrescenta, propondo seja adotado “nos Lycêos de Portugal”, “pelo menos por alguns anos de experiencia”, argumentando: “Si o Brazil disser que nos antecedeu nesta reforma, não possa ao menos dizer que Portugal nem para lhe seguir o exemplo tem alma.” (p. XIII)

O próprio Castro Lopes explica o método: “... a traducção interlinear de um texto da lingua que se vai aprender: bem conhecida a significação de cada palavra, formula-se entre o professor e o alumno um dialogo, que versa sobre o assumpto do texto...” Passa-se então à análise gramatical das palavras, à formulação de novas frases com o vocabulário conhecido. E conclui: “... a *practica* e o *uso* devem pois ser nas linguas a base principal do ensino...” (*ibidem*, p. XVIII a XXI)

O novo método valeu-lhe também pesadas críticas, como a de Carlos Koffer, na introdução de sua gramática latina:

“Experimentei-a por duas vezes sem tirar um resultado correspondente ao tempo gasto. O referido autor engenhosamente diz que o systema de Robertson póde bem ser denominado o caminho de ferro das linguas. Concordo inteiramente, porque acontece neste caminho de ferro das linguas o mesmo que acontece no verdadeiro caminho de ferro; é que, passando o viajante com extrema rapidez pelos objectos, não os póde divisar bem, e por conseguinte não lhe resta delles impressão duradoura.” (In Blake, I: 134)

### IGNEZ DE CASTRO

Versão latina do célebre episódio camoniano, canto III, estâncias de 120 a 135, teve a seguinte fortuna: *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, 12 de março de 1860, p.3, c.3; *Obras de Luiz de Camões*, publicadas pela Imprensa Nacional de Lisboa, organizadas pelo Visconde de Juromenha, às páginas 526-7 (v. V); *Musa Latina*, 1868, p. 59-61; *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, Escriptorio da Rev. Brasileira, 1880, 1ª anno, tomo IV:408-10; *Musa Latina*, 1887, p.114-21 (exemplar de colação para o estabelecimento



do texto em minha tese). São 72 hexâmetros datílicos, não numerados e seqüenciados sem estrofação, condensando os 128 decassílabos camonianos, em tradução livre.

1. Agnes interea, blande labentibus annis,
2. Deliciis data, quas reddit fortuna fugaces,
3. Pulchra quiescebat Mondae maerentibus arvis
4. Rorati lacrimis, caelatum pectore nomen,
5. Et flores, montesque docens resonare. Vicissim
6. Formosae Princeps Agnis reminiscitur absens,
7. Ante oculos defixa semper imagine vultus;
8. Quaeque videt, mendacia quaeque insomnia fingunt,
9. Omnia laetitiae vestigia: spernit et ipse
10. Regales thalamos; captum si namque lepore
11. Pectus, Amor, teneas, tibi iam nec cetera curae.
12. Ast genitor spernentem vincla iugalia natum
13. Dum cernitque senex, voces populique veretur,
14. Pectoris ardentem censens restinguere flammam
15. Sanguine, et ut vinclis natum disiungat amoris,
16. Agnem constituit saevae demittere morti.
17. Quis furor infensum Mauris in colla reclusit
18. Virginis ense? Hanc carnifices iamiamque trahebant
19. Placatum ad regem; regi sed dira suadet
20. Turba necem. Illa dolens (quod morte dolentius ipsa)
21. E natis ac Principe tempus in omne revelli,
22. Ad caelum tollens lacrimantia lumina purum,
23. Lumina, nam palmis intendit vincula tortor,
24. Respiciens pueros, heu! mox qui matre carebunt,
25. Supplex fatur avo: "Ingenio si dira suopte

Estavas, linda Inês, posta em sossego,  
De teus anos colhendo o doce fruto,  
Naquele engano da alma ledo e cego,  
Que a fortuna não deixa durar muito;  
Nos saudosos campos do Mondego,  
De teus formosos olhos nunca enxuto,  
Aos montes ensinando e às ervinhas  
O nome que no peito escrito tinhas.

Do teu príncipe ali te respondiam  
As lembranças que na alma lhe moravam,  
Que sempre ante seus olhos te traziam,  
Quando dos teus formosos se apartavam;  
De noite em doces sonhos, que mentiam,  
De dia em pensamentos, que voavam:  
E quanto enfim cuidava e quanto via  
Eram tudo memórias de alegria.

De outras belas senhoras e Princesas  
Os desejados tálamos enjeita;  
Que tudo enfim tu, puro Amor, desprezas  
Quando um gesto suave te sujeita.  
Vendo estas namoradas estranhezas  
O velho pai sisudo, que respeita  
O murmurar do povo e a fantasia  
Do filho, que casar-se não queria,

Tirar Inês ao mundo determina,  
Por lhe tirar o filho, que tem preso;  
Crendo, co'o sangue só da morte indina,  
Matar do firme amor o fogo aceso.  
Que furor consentiu que a espada fina,  
Que pôde sustentar o grande peso  
Do furor Mauro, fosse alevantada  
Contra uma fraca dama delicada?

Traziam-na os horríficos algozes  
Ante o Rei, já movido à piedade;  
Mas os povo com falsas e ferozes  
Razões à morte crua o persuade:  
Ela, com tristes e piedosas vozes  
Saídas só da mágoa e saudade  
Do seu Príncipe e filhos que deixava,  
Que, mais que a própria morte, a magoava,

Para o céu cristalino alevantando  
Com lágrimas os olhos piedosos,  
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando  
Um dos duros ministros rigorosos.  
E depois aos mininos atentando,  
Que tão queridos tinha e tão mimosos,  
Cujá orfandade como mãe temia,  
Para o avô cruel assim dizia:

26. "Sunt quondam pueris animalia parcere visa,  
 27. "Infantesque pie volucres mulcere rapaces,  
 28. "(Fama velut matremque Nini, fratresque gemellos  
 29. "Indicat); humano qui vultu animoque videris,  
 30. "Unquam si licuit, nam solum indulsit amori,  
 31. "Infirmam obruncare puellam, hos respice saltem,  
 32. "Rex, pueros; horum atque mei pietate movetor,  
 33. "Te quoniam, quae nulla fuit, nec culpa remulcet.  
 34. "Virtutem si Mauram igni ferroque domasti,  
 35. "Clemens, quae non deliquit, nunc eripe leto:  
 36. "Sin aliter mereo, Scythiae Libyaeve calentis  
 37. "Extorrem in fines miseram me mitte perenne:  
 38. "Barbaricas gentes, tigrides interque leones  
 39. "Me pone; hic hominum si, quae mihi nulla reperta,  
 40. "Inveniam duro pietatem corde ferarum;  
 41. "Atque libens illic, cernis quae, pignora tollam,  
 42. "Petri reliquias, tristisque levamina matris.  
 43. Parcere flexanimo victus sermone volebat  
 44. Rex; fatum vero populusque tenaciter obstant:  
 45. Virginis in pectus, facinus qui tale celebrant,  
 46. Distingunt enses: animis tantaene virorum  
 47. Sunt irae? Haud secus ac formosa Polyxena manes  
 48. Placat Achilleos, matris solamen, et ense  
 49. Occumbit duro Pyrrhi; quae, mitis ut agna,  
 50. Insanae fixis matri, quibus aërea sedat,  
 51. Luminibus, mactanda solemnes fertur ad aras;"
- Se já nas brutas feras, cuja mente  
 Natura fez cruel de nascimento,  
 E nas aves agrestes, que somente  
 Nas rapinas aéreas têm o intento,  
 Com pequenas crianças viu a gente  
 Terem tão piedoso sentimento,  
 Como co'a mãe de Nino já mostraram,  
 E co'os irmãos, que Roma edificaram;
- Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito  
 (se de humano é matar uma donzela  
 Fraca e sem força, só por ter sujeito  
 O coração a quem soube vencê-la),  
 A estas criancinhas tem respeito,  
 Pois o não tens à morte escura dela:  
 Mova-te a piedade sua e minha,  
 Pois te não move a culpa que não tinha.
- E se, vencendo a Maura resistência,  
 A morte sabes dar com fogo e ferro,  
 Sabe também dar vida com clemência  
 A quem para perdê-la não faz erro.  
 Mas, se to assim merece esta inocência,  
 Põe-me em perpétuo e mísero desterro  
 Na Cítia fria ou lá na Líbia ardente,  
 Onde em lágrimas viva eternamente.
- Põe-me onde se use toda a feridade  
 Entre leões e tigres; e verei  
 Se neles achar posso a piedade  
 Que entre peitos humanos não achei:  
 Ali co'o amor intrínseco e vontade  
 Naquele por quem morro, criarei  
 Estas relíquias suas, que aqui viste,  
 Que refrigério sejam da mãe triste.
- Queria perdoar-lhe o rei benino,  
 Movido das palavras que o magoam;  
 Mas o pertinaz povo, e seu destino  
 (Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.  
 Arrancam das espadas de aço fino  
 Os que por bom tal feito ali pregoam:  
 Contra uma dama, ó peitos carneiros,  
 Feros vos amostrais e cavaleiros?
- Qual contra a linda moça Policena,  
 Consolação extrema da mãe velha,  
 Porque a sombra de Aquiles a condena,  
 Co'o ferro o duro Pirro se aparelha;  
 Mas ela os olhos, com que o ar serena  
 (Bem como paciente e mansa ovelha)  
 Na mísera mãe postos, que endoidece,  
 Ao duro sacrifício se oferece;

52. Sic transfigentes alabastrina colla puellae  
Tais contra Inês os brutos matadores  
No colo de alabastro, que sustinha
53. Carnifices, procus ingenti quam captus amore  
As obras com que Amor matou de amores  
Aquele que depois a fez Rainha,
54. Reginam fieri, quamvis post funera, iussit,  
As espadas banhando, e as brancas flores  
Que ela dos olhos seus regadas tinha,
55. Immites, Agnis puro madidisque cruore  
Se encarniçavam, férvidos e irosos,  
No futuro castigo não cuidadosos.
56. Ensibus, et fletu quos floribus illa rigabat,  
Bem puderas, ó Sol, da vista destes  
Teus raios apartar aquele dia,
57. Saeuibant rabidi, poenae immemoresque futurae!...  
Como da seva mesa de Tiestes,  
Quando os filhos por mão de Atreu comial
58. Tunc retro radios avertere, Phoebe, liceret,  
Vós, ó côncavos vales, que pudestes  
A voz extrema ouvir da boca fria,
59. Horum e conspectu; veluti mandenda Thyesti  
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,  
Por muito grande espaço repetistes!
60. Dirus cum geniti apposuit praecordia frater.  
Assim como a bonina, que cortada  
Antes do tempo foi, cândida e bela,
61. Virginis, heu! capientes ultima, nomine Petri  
Sendo das mãos lascivas maltratada  
Da minina, que a trouxe na capela,
62. Auditae valles iterumque iterumque sonare!...  
O cheiro traz perdido e a cor murchada:  
Tal está morta a pálida donzela,
63. Candida ceu marcet bellis, quae perdit odorem,  
Secas do rosto as rosas, e perdida  
A branca e viva cor co'a doce vida.
64. Virgineam intempestive si carpta coronam  
As filhas do Mondego a morte escura  
Longo tempo chorando memoraram;
65. Lascivae manibus compisit tractata puellae;  
E por memória eterna em fonte pura  
As lágrimas choradas transformaram:
66. Pallida sic iacet Agnes, nilque in imagine vivum,  
O nome lhe puseram, que inda dura,  
Dos Amores de Inês que ali passaram.
67. Vanescit color, atque rosae de fronte recedunt.  
Vede que fresca fonte rega as flores,  
Que lágrimas são a água, e o nome amores!
68. Tristia fleverunt Mondae Agnis funera nymphae,  
70. Hic quondam – **Agnis amorum** – sic hucusque  
vocatur,
71. Qui teneros gelidus flores non irrigat undis,  
72. Sed lacrimas fundit, nomenque asservat amorum.

Analisando estes hexâmetros, pode-se observar que sua métrica mantém muita semelhança com a clássica latina. Quanto às substituições nos primeiros quatro pés, apenas o verso 36 é datílico puro, 60 versos têm entre dois e três espondeus (83%). É o que se verifica nos primeiros 100 versos da *Eneida* e das *Metamorfoses*, que servirão de *corpus* para os paralelos estabelecidos neste texto, em que o datílico puro é raro e predominam, com  $\frac{3}{4}$  do total, os versos com 14 ou 15 sílabas. Os latinos, diferentemente dos gregos, variam muito os esquemas de substituições, com a clara intenção de evitar a monotonia: a leveza dos dátilos e o ritmo mais pesado dos espondeus são assim explorados para produzir efeitos determinados. Entre os esquemas, os mais comuns são os que contêm duas ou três substituições, preferencialmente no 3º e no 4º pés. Veja-se o paralelo (*infra*).

Como nos clássicos Virgílio e Ovídio, Castro Lopes procura não fazer coincidir acento e íctus na primeira parte variável, enquanto na parte fixa esta coincidência é a regra. Assim também, os finais de versos seguem os modelos 3 + 2 e 2 + 3, ou seja, um trissílabo datílico e um dissílabo espondeico ou trocaico, e um dissílabo trocaico seguido de um trissílabo báquico ou anfibráquico (*tegmine fagi e rura manebunt...*). A palavra que contém o trissílabo ou dissílabo do 5º pé pode regularmente encetar no pé anterior. Uma variante comum no 2º tipo é 2 + (1 + 2), como se pode verificar nos versos 9, 48, 49 e

	Esquemas	Castro Lopes	Virgílio	Ovídio
x	- - - x	17%	16%	14%
x	x - - x	7%	16%	13%
-	x - - x	12%	11%	2%
x	- x - x	11%	12%	13%
x	- - x x	5%	5%	15%
x	x - x x	5%	5%	7%
		57%	65%	64%

(x = datílico; - = espondeu)

51 do poema em questão (*spernit et ipse, solamen et ense, mitis ut agna, fertur ad aras*): 6% em Castro Lopes, 11% e 8% nos autores citados.

Embora seja mais comum a cesura após a ársis do 3º pé (pentemímere), encontram-se outras cesuras, sempre com o intuito de quebrar a monotonia: a heptemímere (v. 64 e 70); a triemímere (v. 7 e 12); e mesmo a hemistíquio ou diérese do 3º pé, dividindo o hexâmetro em duas partes iguais (v. 21 e 66). Encontram-se também cesuras duplas: pente-heptemímere (v. 25, 34, 49 e 50); tri-heptemímere (v. 8, 18, 32, 33, 35, 39, 53, 55, 60 e 63); tri-pentemímere (v. 56); trocaica-heptemímere (v.31); triemímere-trocaica (v.51); pentemímere-bucólica (v.9 e 41) e a triemímere-bucólica (v. 6). Cesuras triplas: triemímere-trocaica-heptemímere (v. 5 e 28); triemímere-diérese de 2º pé-heptemímere (v. 2 e 67).

As regras clássicas previam que, nos primeiros quatro pés, a palavra deveria terminar de preferência na ársis, o que tornaria o verso mais enérgico e viril, evitando cesuras secundárias e trocaicas de 2º e 4º pés, palavras datílicas e sobretudo espondeicas na constituição do 2º pé. No entanto, há exemplos clássicos (V. BORTOLANZA, 1994, I, p. 33) de cesuras secundárias, como as que se podem observar neste poema, de diérese no 1º pé (v. 15, 20, 47 e 70) e no 5º pé (v. 54); de trocaica de 4º pé (v. 7 e 12) e 5º pé (v. 5); de ársis do 1º pé (v. 44).

Observe-se também o emprego das licenças e ou liberdades poéticas. Destaque-se: a alta frequência, como nos clássicos, das elisões (13 sinalefas e 13 eclipses); não se verificam na parte fixa do hexâmetro; raramente elidem longa com breve (v. 29: *vultu animoque*); não aparecem elisões de monossílabos iniciais, sendo normais as de monossílabos finais (v. 15, 39, 59...); em muitos casos são as sinalefas e as eclipses utilizadas para anular a pontuação, restabelecendo a continuidade rítmica do hexâmetro (v. 18, 20, 25, 31, 39, 47 e 70).

Outras liberdades poéticas ocorrem: diástole (v.42: *reliquias*), síncope (v. 12 e 15: *vincla, vinclis*), epítese (v. 59: *veluti*) e arcaísmo (v.57: *saevibant / saeviebant*).

Como bom latinista, Castro Lopes se valeu com maestria das *figurae elocutionis*. Atente-se para as anástrofes de preposições: *Barbaricas gentes, tigrides interque leones* (v.38), *Placatum ad regem* (v.19), *tempus in omne* (v.21), *solemnnes fertur ad aras* (v.51), *Scythiae Libyaeve calentis / Extorrem in fines...*(v.36 e 37); para a anástrofe das conjunções *ceu, cum, dum, namque, et, nec, -que, quoniam, sed, velut, vero e si*:

captum SI NAMQUElepore / Pectus, Amor, teneas, tibi...(v. 10)

Ingenio SI dira suoapte Sunt quondam pueris animalia parcere visa (v.25 e 26)

Unquam SI licuit, nam solum indulsit amori,/Infirmam obruncare puellam, hos(v.30)

Virtutem SI Mauram igni ferroque domasti (v.34)

hic hominum SI, quae mihi nulla reperta,/Inveniam duro pietatem corde ferarum (v.39-40)

Candida CEU marcet bellis, quae perdit odorem, / Virgineam intempestive SI carpta coronam (v.63-64)

Dirus CUM geniti apposuit praecordia frater, (v. 60)

natum / DUM cernitQUE senex, voces populique veretur, (v.13)

Omnia laetitiae vestigia: spernit ET ipse / Regales thalamos (v.9)

Fusus ET in fontem fletus mutatur amoenum (v.69)

Pectus, Amor, teneas, tibi iam NEC cetera curae. (v.11)

Barbaricas gentes, tigrides interQUE leones (v.38)

Te QUONIAM, quae nulla fuit, nec culpa remulcet. (v.33)

Placatum ad regem; regi SED dira suadet / Turba necem. ... (v.19); e para as anástrofes dos pronomes relativos (v.24, 29, 41, 45, 53 e 56).

Respiciens pueros, heu! mox QUI matre carebunt,(v.24)

(Rex)...humano QUI vultu animoque videris, /hos respice saltem (v.29)

Atque libens illic, cernis QUAE, pignora tollam, (v.41)

procus ingenti QUAM captus amore / Reginam fieri, quamvis post funera, iussit, (v.53)

Immites, Agnis puro madidisque cruore / Ensibus, et fletu QUOS  
 floribus illa rigabat. Saevibant rabidi (v.55)

Em pesquisa feita em mais de mil versos de Ovídio e Virgílio (BORTOLANZA, 1994, I, p. 156 ss), pude concluir que o Autor se pauta por modelos clássicos no emprego dessas anástrofes.

Entre as figuras, mencionem-se ainda, com alguns exemplos:

- Epizeuxe: *Auditae valles ITERUMQUE ITERUMQUE sonare!...* (v.62);
- Epífora, associada ao Poliptoto: *Respiciens PUEROS, || heu! mox qui matre carebunt, / Sunt quondam PUERIS || animalia parcere visa* (v.24 e 26);
- Anadiplose: *Ad caelum tollens lacrimantia LUMINA purum, / LUMINA, nam palmis intendit vincula tortor* (v.22-23);
- Mesarquia: *QUAEQUE videt, || mendacia QUAE||QUE insomnia fingunt* (v.8);
- Polissíndeto: *ET silvae reboant, furit ET mugitibus aether* (v.22), e com abrandamento sinonímico, no v. 5, *ET flores, montesQUE docens resonare;*
- Síquise, figura a exigir uma “colaboração com o autor” para o estabelecimento da clareza. Assim, nos v. 41-42 (*Atque libens illic, cernis quae, pignoram tollam, / Petri reliquias, tristisque levamina matris.*), em que um hipérbato da relativa e uma anástrofe do pronome relativo são, na realidade, os únicos desvios ao “*rectus ordo*”; ou nos versos 64 e 65 (*Virgineam intempestive si carpta coronam / Lascivae manibus compsit tractata puellae*), em que, para esclarecer, há que refazer-se ao verso anterior e ao seguinte: a anástrofe da conjunção “*si*” e o hipérbato do verbo, deslocado de seu habitual fim de frase, além do assíndeto “*carpta/tractata*”, constituem praticamente as únicas variações com relação à ordem normal;
- Aliteração: *Agnes interea, blande labentibus annis* (v.1) – com a assonância do E; *Extorrem in fines miseram me mitte perenne* (v.37) – também combinado com a assonância do E; *Fusus et in fontem fletus mutatur amoenum* (v.69);

Homeoteleuto, que, como define Lausberg (p. 214), “*simili modo determinatum, (...) consiste na igualdade sônica dos fins (acentuados ou não) das últimas palavras (e muitas vezes, suplementarmente, ainda de outras palavras) das partes do isocolo ...*”, é uma figura própria para marcar simetricamente os finais de versos ou de hemistíquios ou de membros, tornando-se um recurso poético muito empregado já nos clássicos e que,

por isso mesmo, acabará, na poesia novilatina, dando origem à rima. É muito utilizado por Castro Lopes, como se pode ver nesta sequência:

- 3 Pulchra quiescebat || Mondae maerentibus arvIS  
 4 Rorati lacrimIS, || ...  
 15 Sanguine, et/ ut vincIIS || natum disiungat amorIS,  
 16 Agnem constituIT || saevae demittere mortI.  
 17 Quis furor infensum || Mauris in colla reclusIT  
 34 “Virtutem si MaurI||am ignI || ferroque domastI,  
 35 “Clemens, quae || non deliquit, || nunc eripe letO:  
 36 “Sin aliter mereO, || Scytiae Libyaeve calentis  
 37 “Extorrem in finES || miseram me mitte perenne:  
 38 “Barbaricas gentES, || tigrides interque leonES  
 43 Parcere flexanimO || victus sermone volebat  
 44 Rex; / fatum verO || populusque tenaciter obstANT:  
 45 Virginis in pectus, || facinus qui tale celebrANT,  
 46 Distringunt ensES: || animis tantaene virorum

Hábil é Castro Lopes nos “jogos hiperbáticos”<sup>6</sup> simples ou encadeados, ora “em equilíbrio”, ora “afastando-se”, simetricamente distribuídos no verso, nas extremidades dos membros ou dos versos do hexâmetro. Apenas alguns exemplos:

- 60 DIVUS cum geniti apposuit praecordia FRATER  
 64 VIRGINEAM intempestive si carpta CORONAM  
 65 LASCIVAE manibus compsit tractata PUELLAE  
 6 Formosae PRINCEPS || Agnis reminiscitur ABSENS  
 69 Fusus et in FONTEM || fletus mutatur AMOENUM  
 14 Pectoris ARDENTEM || censens restinguere FLAMMAM  
 9 OMNIA laetitiae || VESTIGIA: || spernit et ipse  
 31 INFIRMAM obtruncare || PUELL||AM, hos respice saltem  
 37 EXTORREM in fines || MISERAM ME mitte perenne  
 50 INSANAE fixis || MATRI, || quibus aëra sedat  
 22 AD CAELUM tollens || lacrimantia lumina PURUM  
 3 Pulchra quiescebat || MONDAE maerentibus arvis /  
 RORATI lacrimis, || ...  
 43 Parcere FLEXANIMO || victus SERMONE volebat  
 Rex; ...

Dentre as outras *figurae*, destaco ainda “expressão polar”, tão do gosto latino, respectivamente nos versos 27, 34, 40, 53, 69 e 71:

<sup>6</sup> Veja-se MAROUZEAU, p. 319ss; MENDES, *passim*; BORTOLANZA, I, p. 182ss.

mulcere rapaces	igni ferroque	duro pietatem
carnifices procus	fontem fletus	teneros gelidus flores

Bem ao gosto clássico, vale-se de sua poderosa memória para inserir versos ou expressões latinas, tornando contínuas as reminiscências virgilianas:

- v. 1 Ductores Danaum, tot iam labentibus annis (Aen.II,14)
- v. 5 Formosam resonare doces Amaryllida silvas (Buc. I, 5)
- v.22 Ad caelum tendens ardentia lumina frustra,  
Lumina, nam teneras arcebant vincula palmis (Aen. 405-6)
- v. 35 Nunc, pater, et tenues Teucrum res eripe leto (Aen. V, 690)
- v. 46 Impulerit. antaene animis caelestibus irae? (Aen.,I, 15)
- v. 51 Solemnes taurum ingentem mactabat ad aras (Aen.,II, 202)
- v. 62 Nequiquam ingeminans, iterumque iterumque vocavi (Aen.II, 770) Outras vezes, são as reminiscências ovidianas:
- v. 21 Este salutati tempus in omne mihi (Tr., 3, 34)
- v. 34 Aut ego iam ferroque ignique paratior ipse (Am.,I, 6, 57)
- v. 48 utque meum non sit sine honore sepulcrum,  
placet Achilleos mactata Polyxena manes.

Pelo exposto, sente-se estar diante de uma literatura em expressão latina a merecer um estudo crítico literário mais acurado e não o simples libelo de “sensaborias” que Sílvio Romero após à produção poética latina de Anchieta e do Padre José Rodrigues de Melo <sup>7</sup>, e, muito menos, o silêncio dos historiadores e críticos literários.

Castro Lopes é um exímio latinista, imitador dos poetas clássicos latinos, senhor da técnica e da arte da métrica latina: em vários paralelos com Ovídio e Virgílio, é possível aferir da sua habilidade em versejar sob a égide da quantidade latina, tão distante dos ouvidos atuais. O hexâmetro, verso preferido, apresenta, seja nas suas cesuras, seja nos esquemas de substituições, seja na parte fixa e final, seja, ainda no uso das licenças e liberdades poéticas, padrões de invejável maestria. Viu-se, aliás, o quanto se valeu das *figurae elocutionis*, sobretudo no que se refere à busca da harmonia e da simetria, a jogar com hipérbatos e anástrofes, com a sonoridade das aliterações, das assonâncias e do homeoteleuto, produzindo versos de rara beleza. Como tradutor, vertendo para o latim, na maior parte de sua produção poética latina, excertos de *Os Lusíadas*, 25 Liras de *Marília de Dirceu*, além dos poemas “Saudade” de Garrett e do Barão de Paranapiacaba, valeria questionar-se se não excedeu os originais portugueses. Valendo-se do caráter sintético da língua latina, fugindo à tradução literal, sem mutilar o texto,

<sup>7</sup> Autor do poema didático *De Rusticis Brasiliae Rebus*.



atinge padrões estéticos dignos do original camoniano e muitas vezes, sobretudo em Marília de Dirceu, a valorizar versos nem sempre primorosos do original português.

A poesia latina de Castro Lopes, dentro da finalidade que ele mesmo especificou “Ad usum scholarum Brasiliensium” na 1ª edição de *Musa Latina*, será um valioso subsídio para os estudos clássicos, a permitir comparações entre o Latim e o Português, a mostrar a “consangüinidade” entre as duas línguas, seja com o poema deutoglota “Ave, Aurora!”, seja com as versões latinas de Camões e de Gonzaga, que permitem integração das disciplinas de Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa com as de Língua e Literatura Latina. Não era outro o intuito do Autor, que assim se expressa no “Prologo” da sua *Musa Latina* (1887: X):

Em vez de traduzirem os estudantes algumas peças poeticas de Virgílio, Ovidio, Horacio, e de outros, menos convenientes pelo assumpto, sobre que versam; parece-me que seria mais proveitoso offerecer-lhes, para se exercitarem no estudo daquella lingua, um livro que além de tudo quanto de bom encerra, tracta tambem das cousas patrias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLO, F. *Prosodia i Metrica Latinas*. 4ª edicci3n. Santiago do Chile: Imprensa Chilena, 1862.
- BORTOLANZA, J. *Corpus da poesia latina de Ant3nio de Castro Lopes*. Tese de doutorado. Assis: UNESP, 1994. 4 vol.
- ERNOUT, A. & THOMAS, F. *Syntaxe Latine*. Paris: Klincksieck, 1951.
- FONDA, E.A. *Archivum Generale Poetarum Latinorum Brasiliensium*. Assis: S3rie C,V. I, Tomo I, 1972.
- “As vers3es latinas de Os Lusíadas”. In: *Converg3ncia Lusíada*. Rio de Janeiro, 6: 137-56, 1979 (coautoria)
- LAURAND, L. et LAURAS, A. *Manuel des Etudes Grecques et Latines*. Tome I: ap3ndice “M3trique Grecque et Latine”. 14.3me 3dition. Paris: Picard, 1965.
- LAUSBERG, H. *Elementos de Ret3rica Liter3ria*. 2ª edi33n. Lisboa, Gulbenkian, 1972.
- MAROUZEAU, J. *Trait3 de Stylistique Latine*. 2.3me 3dition. Paris: Les Belles Lettres, 1946.
- MENDES, J.P. *Constru33n e Arte nas Buc3licas de Virg3lio*. 2ª edi33n, Coimbra, Livraria Almedina, 1997.
- NOUGARET, L. *Trait3 de M3trique Latine Classique*. Paris: Klincksieck, 1948.
- ROMERO, S. *Hist3ria da Literatura Brasileira*. 3ª edi33n. Rio de Janeiro: Jos3 Olympio, 1943, 5 v.

RUBIO, L. *Introducción a la Sintaxis Estructural del Latín*. 3<sup>a</sup> edición. Barcelona: Ariel, 1989.

ZAMBALDI, F. *Metrica Greca e Latina*. Torino: Loescher, 1882.

---

RESUMÉ : Cet article, dans la ligne de recherche Archívum Generale Poetarum Latínoꝝ Brasiliensium de l'UNESP-Assis, montre le poète latin brésilien Antônio de Castro Lopes (1827-1901), auteur de 915 vers latins de bonne qualité. On présente ici la version latine du récit Ignez de Castro de *Os Lusíadas*, en détachant la métrique latine et les *figurae elocutionis* employées.

MOTS-CLÉS: poésie néolatine – Brésilienne – Archívum

---